11º FEPEG FÓRUM ENSINO · PESQUISA EXTENSÃO · GESTÃO
UNIVERSIDADE, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
ISSN: 1806-549X
Realização: Unimontes Universidade Estadual de Montes Claros
Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Minas Gerais Governo de Todos
PIBID Unimontes Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
Apoio: FAPEMIG FADENOR

UM OLHAR SOBRE AS MEMÓRIAS DAS MULHERES ALFABETIZADORAS DE JOVENS E ADULTOS DE MONTES CLAROS – 1970 A 1980

Autores: JOÃO O. SOARES REIS, FILOMENA LUCIENE CORDEIRO REIS, SHIRLEY PATRÍCIA NOGUEIRA DE CASTRO E ALMEIDA, AMANDA CAROLINE ALVES DOS SANTOS, GABRIELA GOMES DA SILVA, JENIFFER LAVINY CARDOSO PINHEIRO

Introdução

São várias as indagações que nos levam a buscar fontes e, assim obter respostas. Curiosidades próprias de um pesquisador ou especificidades de um historiador perpassam a inteligência de um estudioso, entre elas: o quê?, onde?, como?, quando?, para quê?, por quê?. É preciso recortar o tema, o tempo, o lugar e a dimensão dos documentos para análise e, assim conseguir respostas. O historiador não dá conta de trabalhar todos os documentos, versões e temas da História. Sendo assim, explicitamos nosso objeto de estudo articulando História da Educação e História Social e as perguntas propostas são: “Quais e como são construídos papéis e representações de gênero associados às mulheres, especialmente no mundo da alfabetização em Montes Claros na primeira metade do século XX e suas insubmissões?” (REIS, 2016, p. 5).

Diante dessas questões e buscando respostas, entrevistamos Cleonice Alves Proença. Nosso intuito consistiu em que ela mesma conte suas histórias e memórias, as quais são carregadas de plurais em vez do singular, em especial sobre suas vivências na educação de jovens e adultos.

Material e métodos

O intuito do estudo constituiu em compreender quais e como são construídos papéis e representações de gênero associados às mulheres, especialmente no mundo da alfabetização em Montes Claros na primeira metade do século XX até os dias de hoje, bem como as formas de insubmissão feminina presentes nas relações cotidianas reveladas por meio das mulheres alfabetizadoras.

Para tanto, o procedimento adotado consistiu na utilização da história oral. A história oral consistiu em entrevista organizada da seguinte forma: elaboração de perguntas, contudo, a metodologia solicita espontaneidade no decorrer da entrevista, inclusive atenta aos trejeitos feitos no decorrer da fala; agendamento prévio com a entrevistada; utilização e domínio de técnicas e equipamentos para gravação da entrevista como computador e celular; transcrição da entrevista; e leitura, análise e interpretação do depoimento. Após estudo sobre o assunto, identificamos Cleonice Alves Proença, que se colocou à disposição para colaborar com a pesquisa.

Resultados e discussão

Cleonice Alves Proença nasceu em Brasília de Minas e fez parte de uma grande família. Seu pai exerceu vários ofícios com a finalidade de criar a família numerosa.

Sua formação escolar tem inicio em Brasília de Minas com o curso primário. Muda-se para Montes Claros em 1932 para fazer o curso normal que a habilitaria ser professora em 1936. Além dela, todas as outras suas irmãs também estudaram para serem professoras. Uma família de mulheres professoras. Cleonice Alves Proença não se casou por opção. Ela fazia parte de uma sociedade inserida em um tempo em que a mulher tinha que se casar. Sua escolha é dedicar-se a profissão, assim como estar atenta as questões de família. Problemas familiares eram pensados e as soluções e conselhos vinham de Cleonice Alves Proença. Ela dizia que não nasceu para casar e cuidar de filhos, apesar da aparição de muitos pretendentes (PROENÇA, 18 maio 2012).

A história da vida profissional de Cleonice Alves Proença se resume em poucas linhas, contudo, contem uma vastidão de ofícios, todos vinculados ao âmbito educacional. Seu currículo apresenta parte de sua experiência de vida, uma escolha consciente na juventude. Não se casar consistiu na liberdade do exercício de seu trabalho. Cláudia de Jesus Maia (2011) discute essas escolhas feitas por muitas mulheres. Ela não tinha amarras. O casamento na sua época inibia o exercício de uma profissão engajada, pois limitava os atos da mulher. Nesse contexto, sua opção demonstra resultados. Trabalha em várias escolas, assume cargos importantes e, inclusive viaja para o exterior visando aprimorar seu conhecimento e aplicá-lo no seu país. Dedicou-se sua vida profissional a educação. Foi professora por cinco anos, trabalhando, inclusive com a alfabetização de jovens e adultos. Foi Delegada de Ensino, orientadora escolar, supervisora e assumiu cargos técnicos na Secretaria Municipal de Educação. Trabalhou nas escolas João Beraldo, Olegário Maciel e Colégio São João (PROENÇA, 18 maio 2012).

ISSN: 1806-549X

A experiência de Cleonice Alves Proença na alfabetização de adultos é destaque em suas lembranças. Ela aborda as dificuldades encontradas, entre elas, o ensino noturno, inexistência de material didático, estudantes trabalhadores e com idades diferenciadas.

Cleonice Alves Proença trata o ensino de adultos como um trabalho de dedicação e resistência. Os dificultadores eram enormes e havia uma necessidade para a sua transposição. Trabalhar com adultos implica, geralmente, estar lidando com trabalhadores. Seus alunos eram homens e mulheres que trabalhavam durante o dia de forma laboriosa. A maioria era lavradores que ainda não sabiam ler e escrever. Sua missão era ensiná-los, pelo menos, a escrever seus nomes. As turmas apresentavam um número reduzido de alunos o que facilitava dispensar atenção especial a cada um, entretanto, retrata pouca adesão dos adultos a escolarização. Como professora, Cleonice Alves Proença se organizava com o material e conhecimento que possuía. Não havia material didático ou livro para direcionar o trabalho. Tudo partia do seu esforço pessoal (PROENÇA, 18 maio 2012).

Considerações finais

Constatamos, mediante história oral, que há relevância da mulher/professora implicando em várias possibilidades em tornar o processo ensino e aprendizagem efetivo. É a mulher formando grupos de pessoas a ler e escrever o nome, mas também a pensar e a ver o mundo a partir de sua perspectiva. Com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o Estado apresenta projetos definidos, material didático obrigatório a seguir, salário para as professoras e capacitação. Para Cleonice Alves Proença, o MOBRAL foi uma conquista, pois traz novas possibilidades para ensinar os adultos.

Cleonice Alves Proença é uma mulher além de seu tempo. Ela se mostra atuante no âmbito familiar e profissional. Como ela mesma diz, os problemas familiares a absorveram e as decisões e resoluções vinham de seus conselhos e orientações. Enfim, numa sociedade patriarcal da primeira metade do século XX, verificamos a presença de uma mulher de atitude, educadora de jovens e adultos (PROENÇA, 18 maio 2012).

Agradecimentos

Agradecemos a Diretoria de Biblioteca Universitária pelo apoio e logística.

Referências bibliográficas

MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona:* conjugalidade moderna e terror mortal: Minas Gerais 1890-1948. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2011.

MELLO, Rita Tavares. *História, memória e vivências*: a EJA no norte de Minas Gerais. 1940-1960. 268 f. 2015. Tese (Doutorado Educação). Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

REIS, F.L.C. Gênero e insubmissão feminina em Montes Claros na primeira metade do século XX: estudando mulheres alfabetizadoras. Montes Claros, 2016. (Projeto de Pesquisa)

Apoio: FAPEMIG